

A TESSITURA DO SABER NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA PLANETÁRIA.

Grináuria de Sousa Maia Porto¹, SESAP/RN, grimaia@hotmail.com, Ailton Siqueira de Sousa Fonseca², PPGCISH/UERN, ailtonsiqueira@uol.com.br

RESUMO

As transformações ocorridas na sociedade contemporânea exigem dos profissionais novas atitudes e conhecimentos condizentes com esta nova realidade e reais necessidades dos indivíduos. Com essa compreensão, é fundamental refletirmos nossa inserção numa sociedade fundada na democracia e justiça social e, em contraposição, adota o sistema de ensino-aprendizagem em que prevalece o modelo conservador, que desconsidera a realidade multifacetada e complexa em que vive o ser humano. Nesse sentido, a utilização de novas metodologias de ensino-aprendizagem tem sido cada vez mais discutidas nas instituições de ensino. Dentre estas, destacam-se as metodologias ativas de aprendizagem, objeto do presente estudo. Na perspectiva de contribuir para a transformação deste cenário antagônico, faz-se necessário um novo olhar sobre o processo ensino-aprendizagem que seja capaz de construir o perfil do cidadão almejado. O presente trabalho é fruto da experiência vivenciada na facilitação do Curso de Especialização em Regulação em Saúde, realizado pelo Sírio Libanês, em que utiliza como estratégia educacional as metodologias ativas. Nas metodologias ativas o espírito de colaboração no grupo, a diversidade dos sujeitos e suas concepções do mundo contribuem para a construção de sujeitos éticos, corresponsáveis e solidários, e, conseqüentemente, uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Metodologia ativa; Processo ensino-aprendizagem; cidadania.

1 Reflexões do processo ensino-aprendizagem vivenciados na Especialização em Processos Educacionais em Saúde - EPES

Após uma aproximação com as metodologias ativas no processo ensino-aprendizagem, vivenciadas no Curso de Capacitação em Processos Educacionais na Saúde – CPES, promovida pelo Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, percebo

¹ Facilitadora do Curso de Especialização de Regulação em Saúde no SUS do Instituto Sírio Libanês, Especialista em Processos Educacionais pelo IEP/Sírio Libanês, Auditora em Saúde do Sistema Municipal de Auditoria de Mossoró, Enfermeira da Secretaria de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Norte.

² Docente do Departamento de Ciências Sociais da UERN, doutor em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas (mestrado) da UERN, coordenador do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo (GECOM/UERN).

que um novo olhar direciona a compreensão acerca da minha realidade. O paradigma do ensino tradicional passa a me incomodar, meu olhar tem um norte diferente, voltado para todas as direções, os sentidos estão mais aguçados, o escutar me enaltece, o meu silêncio me traz sensações tão prazerosas, antes nunca experimentadas, hoje me vejo como uma outra pessoa.

Discorrendo sobre o processo ensino-aprendizagem, Paulo Freire (2013) destaca que a contemporaneidade tem passado por transformações significativas na perspectiva de dar conta das necessidades da formação de um sujeito ativo, crítico, reflexivo e ético. Estas competências convergem com a proposta da nossa capacitação para a facilitação do processo ensino-aprendizagem dos especializandos os quais acompanhamos no Curso de Regulação em Saúde e que desenvolvemos ao longo de toda a Especialização em Processos Educacionais em Saúde – EPES. O facilitador é aquele que intermedia o processo de aprendizagem, motiva os especializandos a novas descobertas, conduzindo-os durante todo o tempo a reflexões de sua práxis na perspectiva de transformação da realidade. É preciso compreender que acolher é estar junto, é fazer pelo o outro, é corresponsabilização, é a busca pela satisfação de todos.

Nesse sentido, vislumbro um novo ser que renasce. Visualizo junto com meus pares uma nova forma de fazer um Sistema Único de Saúde - SUS real, transformador, inovador, capaz de atender às necessidades dos usuários, com qualidade e segurança.

2 A construção coletiva nos responsabiliza para uma prática efetiva

Todos os encontros do referido Curso foram planejados com criatividade, intencionalidade almejada e inovação, buscando a construção de competências na área da gestão, educação e saúde e combinando com as capacidades cognitivas, atitudinais e psicomotoras. O planejamento prévio aos nossos encontros nos instrumentalizou para alcançarmos êxito no nosso desempenho na facilitação, proporcionando mais segurança. E o apoio do grupo nos fortaleceu.

Utilizamos várias estratégias pedagógicas, valorizando cada momento no qual se encontravam os especializandos, enfatizando o respeito a diversidade do grupo e ao tempo de aprendizagem de cada um, estimulando a corresponsabilização, ética, motivação, ao desenvolvimento de competências acima referidas, bem como aplicando instrumentos de avaliação diversificados.

Para fortalecer nossa formação profissional, enquanto facilitadoras, articulamos durante todo processo as nossas vivências com os especializandos e o EPES, onde socializávamos nossos desafios, incidentes críticos, conquistas, inseguranças, um crescimento contínuo compartilhado com nossos pares e nossa gestora de aprendizagem. Não havia respostas prontas, mas uma descoberta em tudo o que fazíamos, e isso, é o verdadeiro sentido da aprendizagem e amadurecimento profissional, o que nos desperta para construirmos um novo saber, novas estratégias, possibilidade de transformar cenários que parecem imutáveis e acabados. Ser facilitador é antes de tudo acreditar nessa possibilidade, é despertar no outro o potencial que existe em si mesmo, é incentivar o sujeito a ser autor de sua própria história.

Para Edgar Morin (2014), a educação do futuro pede uma “reforma de mentalidades”, pois vai exigir um esforço transdisciplinar que seja capaz de rejunta ciências e humanidades e romper a oposição entre natureza e cultura, visando à perspectiva da integralidade. Acreditamos que as relações afetivas entre os sujeitos, o significado que cada um dar a apreensão do saber e seu reconhecimento como mola propulsora para as transformações, perpassam por essa reflexão defendida por Morin e que devemos perseguir para alcançarmos a qualificação profissional e dos serviços de saúde.

Como a metodologia do curso é ancorada nas teorias interacionistas da educação, metodologia científica, aprendizagem significativa, integração teoria-prática e na dialogia, torna-se imprescindível um clima harmônico, que favoreça a estratégia educacional proposta. Analisamos os instrumentos avaliativos, que melhor se adequavam a cada contexto. Discutimos em vários momentos a construção dos produtos a serem construídos, tanto pelos facilitadores quanto pelos especializandos, que demonstravam a evolução na trajetória de aprendizagem. Dentre estes ressaltamos: o portfólio, um instrumento avaliativo que nos faz perceber nosso amadurecimento ao longo do Curso, o projeto aplicativo e o trabalho de conclusão do Curso.

3 O facilitador como um mediador de aprendizagem nos processos educacionais

“Apenas quando se aprende a ouvir o coração das pessoas, seus sentimentos mudos, os medos não confessados e as queixas silenciosas, um líder pode inspirar confiança a seu povo, entender o que está errado e atender às reais necessidades do cidadão. A morte de um país começa quando os líderes ouvem apenas as palavras pronunciadas pela boca, sem mergulhar a fundo na alma das pessoas para ouvir seus sentimentos, desejos e opiniões.” (NUNES NETO, 2005, p. 88)

Como nos ensina Fachin (2012) nas metodologias ativas o facilitador tem como principais desafios: manter a equipe focada, assegurar a participação de todos, facilitar a aprendizagem, porém sempre atentando para não dar respostas prontas, gerenciar a todo momento a dinâmica do grupo, assumindo diversos papéis conforme a necessidade.

É preciso ser contemplativo, exercitar a paciência e despertar no outro o interesse pelo aprender a aprender. Algumas situações singulares destaco ao longo desse processo que me fez amadurecer e crescer muito além do profissional, e que repercutiram intensamente na minha vida pessoal, como por exemplo: o exercício da escuta, a tolerância, a cooperação mútua, a contemplação, ter estratégias rápidas para os incidentes críticos que podem ameaçar as relações entre as pessoas e o processo de ensino-aprendizagem. Nos grupos, inicialmente, tínhamos especializando que divergiam sempre nas opiniões e buscavam o tempo todo, argumentos de convencimento entre o certo e o errado, com dificuldade de aceitar aqueles que não convergiam com sua fala, que atropelava todas as falas, que agredia seus pares com seus discursos, intolerantes. O facilitador precisa ter a sensibilidade de perceber o outro na sua inteireza, acolhendo-o, estar atento àqueles que caminham a passos lentos e se dispersam ao longo da caminhada.

Como nos ensina Morin (2014, p. 24) “o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes, torna-se um imperativo da educação.” Esta é a essência do facilitador no processo ensino-aprendizagem.

Corroborando com este entendimento, Loureiro e Ribeiro (1998), afirmam que o facilitador é negociador para o processo, ou seja, preocupado em tornar os participantes conscientes de suas próprias opiniões, através da reflexão e em casos de conflito é mais um mediador. A troca de vivências enriquece de forma significativa o processo da facilitação.

Desta forma, como nos ensina Andrade (2007, p.48) “a riqueza da metodologia da problematização está no envolvimento significativo de todos os sujeitos no processo ensino aprendizagem, possibilitando intervenções imediatas e em longo prazo”.

Então a facilitação exige a compreensão de olhares diferentes, a condução, a sensibilidade para intervir oportunamente despertando novas reflexões e incertezas, momentos de contemplação, começos e recomeços, para melhor compreensão da condição humana e sua inserção na sociedade. O facilitador tem que ter clareza que necessita ajudar ao grupo a se perceber no processo ensino-aprendizagem, motivá-los a

construção coletiva, buscar identificar e compreender as dificuldades do grupo, incentivar o espírito de solidariedade.

É de fundamental importância também o facilitador se reconhecer nesse processo, inserir na sua rotina de trabalho o processo avaliativo do ensino-aprendizagem e buscar constantes melhorias no seu desempenho na perspectiva de contribuir para o seu amadurecimento, bem como do grupo.

4 A aplicação da espiral construtivista nos cenários de prática profissional nos serviços de saúde

As metodologias ativas concebe o processo ensino-aprendizagem além do conhecimento científico, vislumbra uma nova forma de pensar e de ser, com vistas a transformação social. Assim, a construção do saber se dá a partir de um conhecimento prévio, de uma dada realidade, da reflexão das práticas, do diálogo com outros atores sociais e autores, do questionamento, do compartilhamento de vivências, que desperta no indivíduo o interesse para intervir no espaço real. Para Morin (2014, p. 14) “os problemas particulares só podem ser pensados em seus contextos e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionado, cada vez mais, no contexto planetário”.

Acrescenta Morin (2014, p.17) “é preciso ensinar os métodos que permitam enfrentar imprevistos, o inesperado e as incertezas e modificar a forma de estabelecer as relações mútuas e as influências recíprocas entre as partes e o todo em um mundo complexo”.

A espiral construtivista retrata este movimento de significados e ressignificados que o sujeito vai descobrindo e suas reflexões vão se materializando à medida que percebe a necessidade e possibilidades de intervenção e transformação da sua realidade. Estes movimentos acontecem de forma articulada e todas as etapas do processo ensino-aprendizagem são importantes no desenvolvimento de capacidades desse sujeito. (LIMA, 2014)

De acordo com Coll (2000) esse significado é construído em função de sua motivação para aprender e do valor potencial que os novos saberes têm em relação a sua utilização na vida pessoal e profissional.

Corroborando com este entendimento, Freire (2013) nos faz refletir que a ação de problematizar enfatiza a *práxis*, na qual o sujeito busca soluções para a realidade em

que vive e o torna capaz de transformá-las pela sua própria ação, ao mesmo tempo em que se transforma.

A problematização do processo de trabalho constitui uma forma de melhorar a qualidade dos serviços e qualificar os profissionais para atender com equidade as necessidades da população. Essa ação envolve os diferentes saberes da equipe, a interdisciplinariedade e transdisciplinaridade, diálogo constante, compromisso e motivação que refletirá na necessidade de novas estratégias de organização dos serviços de saúde e práticas profissionais.

A espiral construtivista do processo ensino-aprendizagem representa a relevância dos diferentes movimentos que contribuem para uma aprendizagem significativa, articulando-se a abordagem construtivista, a metodologia científica e a aprendizagem baseada em problemas.

Vivenciamos ao longo do Curso várias situações problema as quais se desdobraram em reflexões profundas sobre a realidade dos serviços com foco na regulação em saúde e processos de trabalho nos quais estavam inseridos os especializandos. Deste ponto de partida, seguiam a construção das hipóteses explicativas.

De acordo com Gil (2002) as hipóteses são uma tentativa de oferecer uma solução possível mediante uma proposição. Os especializandos eram instigados a refletir sobre uma dada realidade para em seguida propor estratégias de intervenção capazes de transformá-la.

Desta forma, para um mesmo problema podem ser formuladas uma ou mais hipóteses, que podem ser simples ou complexas dependendo do conhecimento, imaginação e experiência do pesquisador. Assim, a habilidade para construir hipóteses úteis e férteis é variável, pois não há regras que garantam a formulação de hipótese mais apropriada, conforme preleciona Silva (2005).

Neste sentido, cabe ao facilitador incentivar as discussões no grupo levando-os a identificar as razões ou hipóteses que explicam o problema levantado.

Levantadas as hipóteses segue-se com o movimento seguinte da espiral, que é a busca de informações em base de dados seguras e análise crítica destas, que proporcionará construção de novos significados pertinentes ao problema investigado. Assim, ele ultrapassa as fronteiras do conhecimento teórico avançando em direção ao conhecimento científico, adquirindo uma aprendizagem que poderá ser aplicada ao

longo de sua vida. Há um entrelaçamento das partes com o todo e do todo com as partes que proporciona a compreensão ampla da realidade.

5 Desenvolvendo a taxonomia de Bloom

Nos encontros de educação permanente, compartilhávamos dúvidas que permeavam a facilitação e poderiam interferir na condução no processo de ensino-aprendizagem. Dentre estas, ressaltamos as hipóteses explicativas envolvidas na construção das questões de aprendizagem, as quais representavam as necessidades de aprendizagem identificadas pelos especializandos.

A partir dessa situação fomos instigadas a aprofundar o nosso conhecimento para compreender a complexidade que envolve estas questões. Assim, nos aproximamos de um novo saber, a taxonomia de Bloom.

A taxonomia dos objetivos educacionais foi desenvolvida inicialmente por Benjamim S. Bloom. Bloom demonstrou que a maioria dos sistemas de ensino centrava-se na transferência não reflexiva e insensível do conhecimento e recuperação de informação, ou seja, no menor nível de formação, ao invés de desenvolvimento do verdadeiro significado pessoal, e este continua sendo ainda um desafio central para educadores e formadores em tempos modernos.

Bloom parece retratar o ensino tradicional de ensino. Como destacou, esse desafio vem ensejando o surgimento de novas possibilidades de ensino-aprendizagem, como as metodologias ativas, enquanto forma de superação desse modelo.

Corroborando com esse entendimento, Morin (2014) propõe que ao invés de contribuirmos para a construção de uma cabeça bem cheia, de conhecimento sem sentido, que colaboremos com uma cabeça bem-feita, aquela capaz de rejuntar os saberes e lhe dar um sentido que implique em reconhecimento da condição humana.

No processo ensino-aprendizagem em que se utiliza como estratégias pedagógicas as metodologias ativas a construção do saber se dá a partir do conhecimento prévio do aprendiz, estimulando-o a descoberta de suas potencialidades e necessidades de aprendizagem, pensamento reflexivo e crítico, onde ele é estimulado a desenvolver a sua autonomia. Deixamos de ser professor e nos transformamos em facilitador exercendo o papel de mediador da aprendizagem e o centro do processo é o aprendiz; o conhecimento vai sendo construído e reconstruído a cada momento, e novas

percepções também vão surgindo. Nesse sentido, envolvem-se várias categorias de aprendizagem, simultaneamente, que ultrapassam o domínio cognitivo, envolvendo também o afetivo e psicomotor.

Conforme nos ensina Ferraz et Belhot (2010, p.421) “na educação, decidir e definir os objetivos de aprendizagem significa estruturar, de forma consciente, o processo educacional de modo a oportunizar mudanças de pensamentos, ações e condutas.”

Esse modelo (taxonomia de Bloom) constitui um instrumento exitoso para o planejamento do processo de ensino-aprendizagem, escolha adequada de estratégias educacionais, métodos, avaliação da formação e a eficácia da aprendizagem. Ao analisar as questões de aprendizagem construídas pelos especializandos, tivemos a oportunidade de acompanhar a evolução destes, de forma muito clara a partir da taxonomia de Bloom.

6 O papel do facilitador na construção dos produtos dos especializandos

Ser orientador de uma especialização com a estratégia pedagógica de metodologias ativas requer um (re)conhecimento do papel de facilitador do processo ensino-aprendizagem, pois embora se trate de uma “especialização”, a construção do saber não ocorre de forma descontextualizada e nem fragmentada. Ele é construído integrando os saberes coletivos, reconhecendo a complexidade dos sujeitos e da realidade, possibilitando a melhor compreensão da condição humana e um modo de pensar mais global.

Compreendo que assumir esse papel me leva a instigar e motivar o especializando a fazer reflexões, relacionando-as às suas vivências, ao aprendizado construído ao longo do curso, por meio de compartilhamento de informações com o grupo e dialogando com os autores que discutem os assuntos abordados. Vejo como necessidade compreender que cada especializando tem o seu tempo de aprendizagem, por isso considero de fundamental importância ter um olhar diferenciado àqueles que apresentam maior dificuldade, um acompanhamento contínuo e sistemático, estando mais junto, atento as dificuldades e o envolvendo para que este desenvolva suas competências, habilidades e autonomia da aprendizagem.

Adotar algumas estratégias podem contribuir ainda mais para o êxito da facilitação e materialização do Trabalho de Conclusão de Curso. Ouví-los e juntos construir planos de trabalho pode fazer toda a diferença. Bem como acompanhá-los, por

meio de contatos frequentes contribui para o maior envolvimento do especializando. Motivá-los a iniciarem a construção, partindo de atividades mais simples para as mais complexas, também creio que poderá ajudá-los. Precisamos resgatar aqueles que estão num ritmo mais lento. Foram vários depoimentos de especializando que fizeram ampliar minhas percepções e implementar a minha atuação na facilitação, utilizando estratégias simples, como estas acima mencionadas, bem como a motivação, o interesse pelo outro, o incentivo a solidariedade, o respeito as diferenças, o acompanhamento diário, que trouxeram bons resultados. Como indicador de êxito desse processo, ressalto a conclusão do curso de todos os especializando os quais facilitei e a reforma de muitos pensamentos antes engessados, que foram explicitados ao longo do Curso na mudança de atitudes, bem como retratados nos produtos, depoimentos e registros das avaliações.

7 A avaliação como um instrumento de melhoria de desempenho da facilitação

A aprendizagem é constituída de sucessivas idas e vindas. Nesse sentido, é preciso estar atento a totalidade do processo. Assim, às vezes, é preciso mudar o ritmo do movimento e redirecioná-lo a partir do olhar dos especializando e do nosso olhar.

Ao longo do processo de facilitação percebi que os Grupos Afinidades - GAF's demonstraram crescimento a cada encontro e isso reflete no seu desejo em transformar o cenário em que atuam, a solidariedade em compartilhar dúvidas, questionamentos e buscas, a participação ativa, interesse pelo novo, curiosidade, o acolhimento com os novos colegas do grupo, a criatividade e empenho para executar as atividades. Importante ressaltar que uma escuta qualificada traz ganhos para todo o grupo.

Na facilitação destaco algumas atividades que contribuem para o desenvolvimento da autonomia do grupo. Percebo nitidamente nos Encontros Pactuados para Construção do Projeto Aplicativo – EPA's quando o grupo apresenta produtos potentes, construídos coletivamente e no tempo destinado para esta atividade. A síntese provisória, uma outra atividade desenvolvida pelos especializando, nos remete a percepção que o papel do facilitador é primordial para instigar as discussões, mas sempre tendo em vista uma intencionalidade, para que construam uma questão de aprendizagem potente a qual farão buscas pertinentes às suas necessidades de aprendizagem. O conhecimento prévio e o envolvimento dos especializando com a formulação de hipóteses explicativas são essenciais para um bom trabalho.

A aprendizagem ocorre com o desenvolvimento de várias competências que se interrelacionam e o facilitador é um instrumento fundamental para mediar esse processo.

Paralelo a isso, as discussões vão se aprofundando com os aportes teóricos trazidos pelo especialistas associados ao conhecimento prévio trazidos e buscas realizadas pelos especializandos. Por isso, torna-se imprescindível uma aproximação com a espiral construtivista a qual norteia o processo ensino-aprendizagem nas metodologias ativas.

As emoções também são parte integrante e significativa do processo ensino-aprendizagem. Elas são vivenciadas em estratégias as quais denominamos de viagens, nas quais os sentimentos são trabalhados através de filmes, atividades reflexivas entre outros. Uma das atividades propôs trabalhar o silêncio com os especializandos, o que foi algo singular, percebemos a necessidade de escutarmos o outro para melhor nos perceber.

Exercitar a co-facilitação nos permite perceber outros espaços, anteriormente não visualizados e isso é fantástico! Isso ampliou minhas percepções com relação aos especializandos e o próprio desempenho do facilitador. A experiência muito contribuiu para o meu crescimento.

Outra etapa que compõe o acompanhamento do desempenho do especializando que exercitamos ao longo da facilitação foram as avaliações formativas.

Nas avaliações formativas, faz-se necessário ter um olhar mais direcionado para os especializandos que estão num processo de aprendizagem mais lento em relação ao grupo, destinando um tempo mais longo para este, pois torna-se imprescindível a escuta, o apoio, a identificação conjunta de fragilidades, potencialidades e até mesmo estabelecimento de plano de melhorias. As mudanças podem ocorrer de imediato ou paulatinamente, dependendo do grau de maturidade do especializando.

Nela apresentamos um panorama mais detalhado dos sujeitos ao longo de sua trajetória no Curso e constitui em uma excelente oportunidade para reinventar o processo ensino-aprendizagem, trazendo ganhos imensuráveis.

Considerações

Sempre imaginei um mundo de possibilidades, sempre me percebi como um instrumento capaz de despertar no outro seu poder de inventividade para construção de um mundo mais solidário, com poder de transformar a complexidade em que nos

encontramos, seja nas relações interpessoais, seja na criação de vínculos, seja na qualificação dos serviços. Tudo isso para sermos melhores, ofertarmos também o melhor que podemos extrair de nós e ter o outro como referencial de nossas ações, digno de respeito, solidariedade, ética e atenção.

Participar de outros processos educacionais e agora está na 3ª onda desse Projeto, como facilitadora, me fez crescer ainda mais, ultrapassando fronteiras. A experiência com as metodologias ativas ampliou o meu olhar para perceber a necessidade premente de re(construir) o processo ensino-aprendizagem partindo da compreensão do cidadão em sua complexidade, com suas necessidades singulares e suas realidades multifacetadas.

Essa aproximação contribuiu ainda mais para o desejo de aprofundar-me no ensino e na pesquisa, acreditar num SUS possível, difundir com meus pares sonhos para a construção de uma sociedade mais digna.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, M. R. S. **A metodologia da problematização:** uma proposta significativa de atuação no campo da educação em saúde. Anais Metodologias ativas. Olho Mágico. Londrina, v.14, n.2, p.48, jul./dez. 2007. Disponível em: www.sistemas.ufrn.br. Acesso em: 21 de ago. 2014.

CAMPOS, G. W. **Um Método para Análise e Co-Gestão dos Coletivos:** a construção do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições – o método da roda. São Paulo: Hucitec, 2000.

COLL, C. **Psicologia e Currículo.** São Paulo: Ática, 2003

FACHÍN, M. E. L. **Curso de Capacitação em processos Educacionais na Saúde: hospitais de excelência a serviço do SUS 2012.** Monografia. Ministério da Saúde. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. São Paulo, 2012.

FERRAZ, A. P. C; BELHOT, M. R. V. **Taxonomia de Bloom:** revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. Gest. Prod., São Carlos, v. 17, n. 2, p. 421-431, 2010. Disponível em:<<http://www.scielo.br>> Acesso em 20 out 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, V.V. et al. **Processos Educacionais na saúde II.** São Paulo: Ministério da saúde; Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2014.

LOUREIRO, F.; RIBEIRO, C. **As responsabilidades de um Facilitador**. Traduzido e adaptado do Capítulo I do livro *The Practice of Facilitation : managing group process and solving problems*. Webne-Behrman, Harry. Quorum Books – Westport, Connecticut. 1998. Disponível em: . Acesso em: 10 jun.2014.

MITRE, S. M. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. saúde coletiva**. vol.13 suppl. 2 Rio de Janeiro Dec. 2008. Disponível em: <http://www.scielosp.org>. Acesso em: 10 de jun de 2014.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 21 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, E. *A via para o futuro da humanidade*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro** (1921). Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. Ver. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO, 2011.

NUNES NETO, A. **Meta**: um significado para a vida. São Paulo: Nobel, 2005.

SILVA . J. G. C. **Pesquisa Experimental**. Boletim Técnico nº 9. UFPel. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005. Disponível em: <http://www.academia.edu>. Acesso em: 18 setembro 2014.